VI SÉRIE N.º 128 — 1.ª QUINZENA DE DEZEMBRO DE 1948 — PREÇO $50

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES PCP

Mais fome! Mais miséria! — eis o que o salazarismo oferece ao povo português

O problema do abastecimento continua sem solução; os géneros continuam a encarecer e a faltar; o salário real das massas trabalhadoras vai baixando em consequência do contínuo encarecimento da vida e com a redução de dias de trabalho; o desemprego aumenta cada vez mais, muitas indústrias estão a reduzir a sua laboração, fecham-se fábricas; a Lavoura reduz ao mínimo o emprego da mão de-obra assalariada; a Economia portuguesa caminha para uma crise profunda. Por outro lado, a alimentação do povo português, vai sendo reduzida ao mínimo dia a dia. Segundo a estatística agrícola de 1946, a capitação de trigo por habitante que foi de 77,20 por ano, no decénio de 1926-1935, era no decénio de 1936-1945 de 57,34; o centeio, que foi em igual período de 15,75, passou a 12,10; o milho, de 59,04 passou para 49,38; o arroz, de 12,15 passou para 10,20; o azeite de 8,88, passou para 7,99; a batata, de 70,18, passou para 82,41. O grão que foi de 1,40 no quinquénio de 1937-1941, passou para 1,32 no quinquénio de 1942-46. A carne, um pouco limpo consumida, cuja média anual, foi de 56,958 ton. no período de 1935-45, em 1946 era apenas de 49,101 ton., isto é, 8 quilos por habitante no período de 1935-45 e sòmente 6,5 em 1946.

Dos principais produtos da alimentação, todos tiveram uma capitação por habitante, só a batata aumentou, o que indica que foi recorrendo ao consumo da batata em mais abundância, por ser um produto mais acessível, que o povo português procurou mitigar a sua fome. Mas vejamos se as perspectivas se apresentam para o povo português com um futuro melhor. Segundo relatório do Banco de Portugal de 1947, a colheita do trigo do 47 representou apenas 67 % da produção de 1946; a de aveia, 70 % da produção de 1946; a de cevada, 65 %; a de milho, 72 %; e só a de centeio foi aproximadamente igual à do 1946.

Embora em relação ao ano de 46 ainda não tenhamos elementos completos sobre a produção agrícola, tudo indica (no que respeita aos cereais) que foi inferior à de 1947. Isto pode confirmar-se pelo próprio volume ascendente da importação de trigo, que em 1946 foi: 390.476 contos; em 1947, de 497.993 contos e que em 948, segundo o actual ministro da Economia deve atingir 700.000 contos.

E tudo isto para que o povo português continue a comer pão ordinário, caro e racionado.

Como prevê o salazarismo sair desta situação, que dia a dia se vem tornando mais grave para o povo português? Fomentando a produção agrícola! Não. Até agora, nenhuma medida séria foi tomada nesse sentido, pelo contrário, no último relatório da Economia segue a mesma política demagógica do ministro cessante: promete muito mas nada de concreto faz. O novo ministro afirmou, numa das suas últimas palestras à imprensa, que não tolerará que se provoque uma alta de preços que nada justifica, quando é ele mesmo que nessa conferência confessa que o nosso déficit de manteiga é actualmente de 427 ton. anuais e que por isso irá faltar no mercado. Não há a escassêa deste produto ou doutro

» → pág. 2

A LUTA PROSSEGUE
E A UNIDADE MANTÉM-SE

APESAR de toda a repressão e terror desencadeados pelo salazarismo; apesar da acção dos oportunistas e agentes do estrangeiro no seio do movimento democrático para quebrar a Unidade e impedir o desenvolvimento da luta de massas; apesar da inactividade, insuficiência e hesitações no seio do movimento democrático, a unidade mantém-se e a luta prossegue.

A Unidade e a Luta verificam se através da existência e da actividade de dezenas e dezenas de organismos de Unidade nas empresas, nas oficinas, vilas e aldeias, através do revigoramento do MUD e do MUDJ, através da formação e da actividade de dezenas e dezenas de comissões eleitorais de apoio ao candidato à Presidência da República, exigindo as condições mínimas para que se possa concorrer às urnas.

O salazarismo e todos os inimigos da democracia e do povo têm sido impotentes para isolar o P. Comunista das restantes forças democráticas. As suas tentativas de cindir as forças democráticas para depois mais fàcilmente as aniquilar têm fracassado.

OS PERIGOS PARA AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS SUBSISTEM

Mas apesar de tudo subsistem ainda os perigos para o Movimento Democrático Nacional.

Salazar intensifica a preparação da sua mascara eleitoral, fortalece o seu aparelho repressivo contra o povo e procura arrastar o país, finalmente, para aventuras guerreiras contra a paz e segurança dos povos, segundo as ordens e directrizes dos fomentadores de guerra norte-americanos.

Os traidores e divisionistas tentam infiltrar-se (alguns já o conseguiram) na direcção do movimento democrático, para desviar as massas democráticas do caminho da Unidade e da Luta e arrastá-las para o campo dos compromissos com o salazarismo.

Continuam a subsistir concepções de organização e direcção do movimento que nada têm de democráticas, que são contrárias à iniciativa e vontade de mais das massas. Há ainda dentro do movimento democrático quem persista em defender a ideia da não-participação dos comunistas e doutros democratas consequentes nos organismos para a candidatura, já formados ou a formar de futuro.

O medo da luta das massas não foi ainda liquidado; continua a subsistir (dentro da própria direcção do movimento) a ideia da ida às eleições nas condições impostas pelo fascismo. E os compromissos livremente aceites nem sempre são cumpridos.

A LUTA É O ÚNICO CAMINHO A SEGUIR

Os progressos e as perspectivas que se abrem ao movimento democrático devem-se principalmente ao reforço da organização e da luta das massas democráticas, ao desmascaramento do salazarismo e dos seus agentes, à luta contra o medo, a hesitação e a inércia.

Daqui se conclue que para conquistar a liberdade e a democracia, só há um caminho: a Luta.

Luta contra a política de opressão, de terror e de guerra do salazarismo. Luta implacável contra os traidores e divisionistas tais como Nuno Simões, Cunha Leal, José de Sousa, António Sérgio, Lima Alves, etc..

Luta por um recenseamento honesto, fiscalizado pelas forças democráticas. Luta por uma ampla liberdade de propaganda eleitoral. Luta para conseguir a participação dos democratas nas mesas eleitorais de contagem de votos. Luta contra todas as ideias e formas de organização que só podem prejudicar o movimento e servir os interesses do fascismo. Luta para facilitar às massas democráticas uma acertada orientação para que se organizem e movimentem mais e mais pela conquista das suas reivindicações económicas e políticas.

Só pela luta decidida, a Unidade será mantida e fortalecida. Só pela luta se conseguirá fazer frente ao fascismo e a todas as manobras provocatórias. Só pela luta se abrirão novos horizontes na conquista da Liberdade e da Democracia. Só pela luta se conseguirá a constituição dum governo democrático de concentração nacional capaz de defender o povo e salvaguardar a soberania e a independência nacionais.

A COMPANHIA DOS DIAMANTES DE ANGOLA
ALA AVANÇADA DO IMPERIALISMO AMERICANO NAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

Muita gente desconhece o que representa esta poderosa Companhia na Economia colonial portuguesa assim como O SEU CARACTER DE ALA AVANÇADA DO CAPITAL IMPERIALISTA AMERICANO NO NOSSO PAÍS.

Muitos portugueses ignoram que a Companhia dos Diamantes de Angola vende anualmente centenas de milhar de contos de diamantes, que tem um activo de cerca de 750.000 contos, que fez um empréstimo à colónia de Angola de 150.000 contos e que teve de lucros líquidos e confessados em 1947 a modesta soma de 208.809 contos, que depois de deduzidas as verbas destinadas à amortização, reservas e encargos estatutários e contractuais, entre os quais figura o pagamento de 80.109 contos da participação da colónia de Angola, apresentou o lucro líquido de 111.600 contos para os tubarões estrangeiros e seus lacaios portugueses, ou seja um juro de cerca de 62% sobre o seu capital social. Estes lucros fabulosos são arrancados ao trabalho forçado de perto de 17.000 indígenas e de algumas centenas de brancos. Para assegurar a esta companhia megalítica a exploração desenfreada e livre dos indígenas do distrito da Lunda, o anterior governador geral de Angola, comandante Lopes Alves (depois de conversações com o seu antecessor, comandante Alvaro Mora, actualmente um dos administradores da Companhia de Diamantes) cedeu na Lunda uma reserva de mão de obra, concedendo à Companhia o direito exclusivo de mobilizar para o seu serviço os indígenas, que assim se encontram reduzidos à condição de caçi nos terrenos cultivados dos grandes senhores feudais.

A Companhia dos Diamantes está associada aos trusts internacionais dos diamantes e por intermédio do seu administrador Harry Joel, ao trust sul-africano De Beer's Consolidated Mines, que hoje detém a produção de mais de metade dos diamantes do mundo e da magestática British South Africa of Rhodesia, empresa ligada à Companhia de Moçambique, ao caminho de Ferro da Beira e à Companhia do Porto da Beira, o trust internacional **Société Général de Belgique** (hoje dominado pelo capital americano), que controla a produção diamantífera do Congo Belga, e que é nesta colónia o que o De Beer's é na África do Sul, tem um dos seus administradores o Sr. Van Bree, a controlar a Companhia dos Diamantes e o seu associado, o **Banco Burnay.** A maioria dos administradores do Banco Burnay são, ao mesmo tempo, Companhia dos Diamantes, como o comandante Ernesto Vilhena, o Visconde do Marco e o coronel Branião de Melo, monarco-fascistas graúdos.

Mas os homens que tudo dominam na Companhia dos Diamantes, são os seus dois administradores americanos, por detrás dos quais se encontra o trust imperialista americano da **American Smelting Company,** que explora minas de chumbo no México, de ouro no Alaska e de cobre em vários países do mundo. Estreitamente ligado à American Smelting Company está o poderoso trust **Guggenheim,** dos reis do cobre, cujo um dos membros, Salomon Guggenheim o grande accionista da Companhia dos Diamantes de Angola. Independentemente do controle da produção diamantífera de Angola à presença dos capitalistas americanos na Companhia dos Diamantes de Angola e no seu associado o Banco Burnay, tem por objectivo apoderarem-se das principais riquezas das colónias portuguesas, destacando-se nesta tarefa o Banco Burnay como capa sportuguesa dos imperialistas estrangeiros e o coronel Branião de Melo, que em terras de Angola tem obtido licenças para a montagem de fábricas de borracha sintética e natural e fabrico de papel, tudo por conta dos imperialistas americanos. Será para continuar esta tarefa que foi colocado em Portugal uma delegação para o Plano Marshall?

Vimos já num artigo anterior que o Banco Burnay, a Société Général de Belgique e a Companhia de Moçambique se apoderaram de 30 milhões de toneladas de carvão em Moatize, na colónia de Moçambique. Se factos, se apoderam das riquezas minerais de Angola (que se revelam importantíssimas os imperialistas americanos criaram uma companhia sportuguesa, a **Companhia das Pesquizas Mineiras de Angola,** associada e com sede comum com o Banco Burnay, por detrás da qual se encontram o trust Guggenheim, a Société Général de Belgique e a Guaranty Trust Co., um dos 8 maiores bancos americanos, controlado pelo famoso Banco Morgan. **O Banco Burnay tem tido a função, desde a sua origem, de servir de «capa» para todas estas e muitas outras negociatas lesivas dos interesses nacionais em que estão empenhados os imperialistas estrangeiros.**

Para encontrarem a simpatia e o apoio do governo salazarista, os imperialistas americanos tiveram o cuidado de colocar como presidente do conselho de administração da Companhia dos Diamantes de Angola um fascista graúdo, o amigo e ex-**coronel Lopes Mateus,** ex-ministro da Guerra e do Interior de Salazar, e presidente da Liga 28 de Maio e da Comissão Colonial da União Nacional!

É pela mão de fascistas como o comandante Ernesto de Vilhena, o coronel Branião de Melo, o coronel Lopes Mateus e o comandante Alvaro Morna, que os imperialistas americanos se vão assenhoreando progressivamente das riquezas coloniais de Portugal. Isto é um pequeno capítulo da obra de traição nacional do Salazar, a cabo pelos dirigentes fascistas e a que **SÓ A VONTADE DOS DEMOCRATAS E PATRIOTAS PORTUGUESES PODERÁ PÔR O NECESSÁRIO FIM.**

Rádio Moscovo

FALA PARA PORTUGAL:

às 21,30 (ondas curtas), em 50,67; 31,06; 40,76; 40,87; 41,67 e 49,33

A explosão da Amora
27 VÍTIMAS DA POLÍTICA DE GUERRA DE SALAZAR

A explosão de 24 de Novembro, que rebentou a vida a 27 trabalhadores e trabalhadoras, veio chamar a atenção do povo português para os fabris preparativos militares do governo fascista de Salazar.

Não estão ainda claras muitas das circunstâncias em que se deu a explosão. Quem dirigia superiormente a laboração da fábrica da Amora? A que se destinavam os explosivos? Que medidas tinham sido tomadas para defender, em tão perigoso trabalho, a vida dos operários e operárias? Quem são os responsáveis pela catástrofe, que veio lançar tantas viúvas e filhos de Mundet e doutros filhos do povo evitou que fosse mais grave? A seu tempo, será dada resposta a estas perguntas e tudo permite afirmar que aparecerão então claras as responsabilidades do governo de Salazar. De facto, o governo, seguindo docilmente as ordens dos fomentadores de guerra anglo-americanos, está transformando Portugal em praça-de-armas dos EUU.

Para serviço da aviação militar dos EUU Salazar faz construir aeródromos e aeroportos em Monte Real, Faro, Montijo, Santa Maria, Sal, Timor, Guiné, Luanda, Lourenço Marques, Vila Luso, etc.. As forças armadas absorvem quase metade de todas as despesas do Estado. As visitas de inspeção a estabelecimentos militares sucedem-se cada dia. Preparam-se apressadamente novos quadros para o Exército e a Marinha. Em 29 de Outubro, um Decreto salazarista transformou o Instituto dos Pupilos do Exército em escola de recrutamento de aviadores e técnicos indispensáveis à vida e exclusiva da força armada. Criou-se um novo curso na Escola de Guerra e reduziu-se a duração de cursos de artilharia e as condições de admissão, tudo com vistas a aumentar rapidamente o número de oficiais. O próprio Instituto de Odivelas se convertem em escola de enfermeiras de guerra. Quanto à Marinha, foi criado em 5 de Novembro o Instituto Superior Naval de Guerra, para rápida formação de oficiais.

Todas estas medidas são tomadas sob o mando dos imperialistas anglo-americanos. Multiplicam-se as visitas a Portugal de chefes militares anglo-americanos que vêm dar as suas ordens. O chefe do Estado Maior salazarista, general Barros Rodrigues, acaba de regressar de Inglaterra, onde foi realizar conversações com o ministro da Guerra e com o marechal Montgomery, presidente do «Comité de Defesa» dos estados aderentes ao «pacto militar ocidental» sob as ordens superiores de Washington. Salazar não tem a coragem de aderir formalmente a esse «bloco» agressivo, mas há muito aderiu a ele, como comparsa de terceira categoria.

Os fascistas proclamam abertamente os seus planos de guerra. A propaganda de guerra salazarista é desenfreada: são os ministros, os oradores, a Emissora, a imprensa. A Legião Portuguesa, tropa de choque e de guerra civil, é treinada ininterruptamente para reprimir a luta do povo português pela democracia, pela independência e pela paz. Ainda recentemente, em 7 de Novembro, o naci André Navarro gritava aos legionários que o povo de Portugal estará presente no campo da luta contra os bárbaros das estepes asiáticas. Que significa esta linguagem de ruína bem nossa conhecida, senão o propósito dos fascistas de arrastarem Portugal à guerra contra a URSS e os países e democracias populares, defensores intransigentes da paz e da segurança dos povos e grandes amigos do povo português?

Os homens simples de todo o mundo farão fracassar os planos dos fomentadores da nova guerra. O povo português, como o de todos os povos amantes da liberdade, fará fracassar os planos de Salazar, coveiro da independência nacional e lacaio dos imperialistas anglo-americanos. O povo português lutará energicamente contra os preparativos de guerra e aventura da camarilha fascista.

E é por isso que se exige que sejam esclarecidas todas as circunstâncias em que se produziu a explosão da Amora que ceifou dezenas de tares de filhos do nosso povo.

Subscrição de 100 contos

Listas	N.ºs	873	20$00	1222	200$30	3560	74$00
113	41$50	959	43$00	1229	15$10	2561	320$00
237	100$00	964	9$50	1243	107$50	2563	20$80
252	33$00	966	12$50	1256	45$00	2577	17$50
253	20$00	973	4$00	1349	20$00	2578	7$00
255	20$00	990	10$00	1350	15$00	2595	80$00
582	500$00	996	65$00	1372	47$50	2596	80$00
792	37$50	1064	43$50	1513	25$00	2609	10$00
801	20$00	1055	220$00	1517	65$00	2699	31$50
802	11$00	1120	60$00	1538	15$00	2807	76$50
804	20$00	1124	100$00	1633	63$50	Lis. P. ridas	12$50
808	10$00	1137	1.280$00	1726	20$00	Idem	10$00
809	39$50	1140	126$50	2232	50$00		
815	43$50	1143	50$00	2437	20$00	Total	5.631$50
828	10$00	1144	40$00	2515	9$00	Trans.	130.921$20
871	20$00	1145	30$00	2557	47$00		
872	20$00	1176	140$00	2558	50$00	Total	136.004$70

Os operários têxteis do Norte

AVANTE! LUTAM POR UM NOVO ACORDO COLECTIVO

Os trabalhadores da Indústria textil, são dos mais mal pagos do país. Dezenas de milhares de operários têxteis do Norte e suas famílias vivem uma vida de miséria e de sofrimento, enquanto que os donos das fábricas acumulam fortunas solossais, algumas de centenas de milhares de contos, como os tubarões Delfim Ferreira, Conde de Vizela, Manuel Pinto de Azevedo, etc..

Sentindo bem esta situação, os têxteis do Norte, ao mesmo tempo que vêem tudo piorar parcialmente por aumento de salários,

— como os operários da **EMPRESA INDUSTRIAL DE SANTO TIRSO**, por intermédio da sua **Comissão de Unidade** composta por 20 operários em defesa dos seus magros direitos e regalias;

— como **os operários de duas fábricas de VILA DO CONDE** que por intermédio de uma **Comissão de Unidade de 20 operários**, exigem que seja aumentado o n.º de médicos no posto por os actuais serem insuficientes para a população fabril, pois os médicos são dados pelos enfermeiros nas fábricas ou em casa, pois os doentes chegam a andar 15 a 20 quilómetros para ir e vir ao posto receber uma injecção e às vezes não a receber por estar gente a mais; que seja acabado o regime de 10 horas de trabalho e que haja rama suficiente nas fábricas para que os operários não tenham que perder horas, como agora sucede e contra as arbitrariedades do toda a espécie de que são vítimas por parte dos patrões e de alguns encarregados;

— como os 2.000 operários da **Fábricas Inglesas** (Guilherme Graham) que, por intermédio da sua **Comissão de Unidade** protestam contra o vexame da revista à saída da fábrica e que continuam a lutar para pôr termo às prepotências destes imperialistas estrangeiros;

— e como as valentes operárias da **Empresa Fabril do Norte (S.r.ª DA HORA)**, que pela sua luta enérgica e unidade firme fizeram recuar mais uma vez os patrões na sua tentativa de aplicar multas por tudo e por nada.

RECLAMAM DO PATRONATO E DO GOVERNO UM NOVO ACORDO COLECTIVO

tendo por base o **Caderno Reivindicativo** posto à discussão e aprovação de todos os têxteis do Norte

«1.º — Salário mínimo em qualquer categoria: **27$50;**

2.º — Um aumento de 70 % para os salários superiores a 15$00 e inferiores a 20$00;

3.º — Um aumento de 50% para os salários de 20$00 a 29$50;

4.º — Um aumento de 40 % para os salários de 30$00 e superiores;

5.º — Um aumento de 30 % para os salários semanais inferiores a 200$00;

6.º — Um aumento de 25 % para os salários semanais superiores a 200$00;

7.º — Os trabalhadores não diferenciados deverão ganhar o salário mínimo de 27$50, os homens e de 24$50 as mulheres;

8.º — O trabalho de empreitada deverá ter um aumento correspendente, mantendo-se as diferenças estabelecidas pelo acordo anterior. O trabalho de empreitada deverá ser pago da mesma forma, quer se trate de trabalho feito por homens ou por mulheres;

9.º — Os estagiários adultos deverão ganhar o salário mínimo de 27$50. Os estagiários menores de 15 anos deverão ganhar o salário mínimo de 5$00;

10.º — A aprendizagem deverá ser feita em 2 períodos:

1.º período, de 4 meses, com salários mínimos de 12$00;

2.º período, de 8 meses, com salários mínimos de 17$50;

11.º — No trabalho de empreitada nenhum operário poderá receber menos do que 165$00 por semana. Este salário mínimo será recebido por operário, individualmente e não no conjunto dos operários que trabalham de empreitada dentro de cada fábrica, como tem sucedido até aqui.

FÉRIAS: Férias de 15 dias ou 8 dias com salário a dobrar. As férias deverão ser gozadas por todos os operários que tenham mais dum ano de casa.

ESTAGIÁRIOS: Que ninguém possa ser mantido na categoria de estagiário por um espaço superior a 6 meses.

MULTAS E CASTIGOS: Que no novo contracto sejam abolidas pura e simplesmente as multas. Que as suspensões de trabalho nunca possam ir além de 3 dias.

GRÁVIDA: Que as mulheres grávidas tenham direito a um mês de repouso antes do parto e a outro depois do parto, sem perda do respectivo salário.»

Tais são as reivindicações fundamentais apresentadas pelos operários e operárias da Indústria textil do Norte.

Para que elas sejam inteiramente satisfeitas, **impõe-se que os operários fortaleçam cada vez mais a sua Unidade e intensifiquem a sua luta. Impõe-se que ao lado das Comissões Sindicais, sejam constituídas e eleitas EM TODAS AS FÁBRICAS, Comissões de Unidade, para coordenarem e dirigirem a luta, com o apoio do TODOS OS OPERÁRIOS E OPERÁRIAS, junto do patronato, dos sindicatos e das autoridades corporativas.**

A experiência tem demonstrado a todos os trabalhadores portugueses que só pela luta e a Unidade conseguem ver satisfeitas algumas das suas mais elementares reivindicações e defenderem os seus direitos.

No que respeita aos ferroviários o problema apresenta-se da mesma maneira: ou lutam unidos, sem desfalecimentos e com persistência e conseguirão ver satisfeitas algumas das suas reivindicações, ou não lutam e continuarão a ver a sua situação de miséria a agravar-se cada vez mais.

Aos ferroviários têm estado agarrados nos locais dos sindicatos e ligados na «boa-vontade» e nas promessas dos tubarões dos caminhos de ferro. Todos os seus pedidos de aumento de salários e de outras reivindicações, feitos por intermédio dos Sindicatos, quer feitos directamente às suas dirigentes dos caminhos de ferro têm sido esquecidos. E, por isso, de 1929 a 1943 não se verificou qualquer aumento de salários, e as promoções foram em tão reduzido número que não ocorreu referência especial, não obstante o aumento do custo de vida nestes 14 anos ter atingido proporções fantásticas. De 1939 para cá, segundo os dados oficiais o custo de vida subiu em mais de 150%, mas dos salários que eles ganham a realidade porquanto o mercado negro foi durante muito tempo, por assim dizer, o único onde tivemos o nos abastecer, enquanto que os salários dos ferroviários foram sòmente acrescidos de uma subvenção de 25%, nem sequer integrada nos salários. Se se juntar a isto toda uma série de cortes nas regalias e direitos adquiridos por reclamações, como o aumento do imposto profissional que antes era pago pela empresa, o pagamento de 25% nos transportes ferroviários, quando antes eram gratis, etc., etc., e se acrescentarmos ainda toda uma série de descontos feitos por intermédio dos Sindicatos, quer feitos directamente às suas dirigentes dos caminhos de ferro têm sido esquecidos. E, por isso, de 1929 a 1943 não se verificou qualquer aumento de salários, e as promoções foram em tão reduzido número que não ocorreu referência especial, não obstante o aumento do custo de vida nestes 14 anos ter atingido proporções fantásticas. De 1939 para cá, segundo os dados oficiais o custo de vida subiu em mais de 150%, mas dos salários que eles ganham a realidade porquanto o mercado negro foi durante muito tempo, por

~ FERROVIÁRIOS! ~

AS VOSSAS REIVINDICAÇÕES CONQUISTAM-SE PELA LUTA

venção de 25% no salário-base;

2.º — Aumento de 40% nos salários mais baixos, decrescendo depois segundo as categorias;

3.º — Salário mínimo na base de 17$00 diários (para aprendizes e estagiários);

4.º — Diuturnidade única na base de 1 m mínimo de 2$00 diários a partir dos dois anos de serviço e correspondendo aos 30 dias;

5.º — Igualar a situação do pessoal de tração estreita com o da via larga.

Estas são as reivindicações apresentadas à discussão da classe ferroviária. **TODOS** os ferroviários as devem discutir fazendo as alterações que entenderem. Ao mesmo tempo **deve-se pensar no salário que se organizem e elejam Comissões de Unidade de Ferroviário por oficina, estação, linha e escritório para coordenarem e dirigirem a luta pela conquista das reivindicações que vierem a ser aprovadas.**

Os locais da direcção do Sindicato de mãos dadas com os tubarões da C. P. e com o governo, sentado fazer o descontentamento dos ferroviários, nomeando uma comissão para estudar a situação da classe, não têm outro objectivo senão protelar a satisfação das reivindicações reclamadas e continuar a enganar os ferroviários com promessas. Estes têm de devem, portanto fazer uma manifesta dos seus inimigos declarados. Em vez de esperar eternamente, **urge que a luta se encete imediatamente.**

Se os Sindicatos dizem estar a tratar da situação da classe, **urge que os ferroviários, por intermédio dos Comissões de Unidade a formar ou em messe se lhes dirijam e exijam que andem para a frente e que lhes apresentem as suas próprias reivindicações, indicando que é por eles e não por outras a si estranhas, que devem lutar.**

Fiarem-se ao nas promessas dos dirigentes sindicais fascistas e da Direcção da empresa, é condenarem-se a não verem satisfeitas as suas justas reivindicações. Por isso, **os ferroviários devem tomar nas suas próprias mãos a direcção da luta, porque só assim conseguirão alcançar a satisfação das suas justas reivindicações.**

CONTRA A EXPLORAÇÃO E O ROUBO

RESPONDAMOS COM A LUTA FIRME E UNIDA

Só a intensificação da luta de todos os trabalhadores portugueses do campo e da cidade, fará recuar o governo e o patronato reaccionários na sua ofensiva contra os salários e regalias alcançadas em lutas anteriores. A experiência indica-nos a todo o momento que, **quando os trabalhadores se unem e lutam o governo e o patronato são obrigados a ceder às suas justas reivindicações e a recuar nas tentativas de reduzirem a zero as suas regalias e direitos.** Ao contrário, quando a luta pára ou abranda a Unidade se não mantém e os trabalhadores se iam nas promessas demagógicas do governo e do patronato reaccionário, estes, sentindo-se fortes, não só baixam os salários como reduzem, a pouco e pouco, as magras regalias e direitos dos trabalhadores.

Compreendendo esta realidade, os trabalhadores de várias empresas lutam por aumento de salários, pela defesa das suas regalias e põem a nu os roubos e falcatruas de alguns patrões e dos seventuários do governo salazarista.

São os operários da **fábrica Cibra**, de Climentos Branco (em construção) que, não obstante oesjuntarem dos seus salários para a Caixa de Abono de Família desde Abril, em Setembro ainda não haviam recebido qualquer abono. Em virtude desta situação os operários exigiram que o Sindicato (sete em Leiria) tomasse as medidas necessárias para que o abono lhes fosse pago imediatamente. Em face desta posição firme, a direcção do Sindicato foi obrigada a pedir desculpas e concluiu que **os tubarões luso-espanhóis donos da empresa, chefiados por Fausto de Figueiredo, Quinranilhas Pinto e engenheiro Melo Gouveia, não linham entregado a Caixa o que vinham descontando há 5 meses aos seus operários.** Estes trabalhadores foram agora junto da direcção da empresa para que o abono lhes seja pago.

São os operários padeiros do **POÃO**, que, por intermédio da sua Comissão de Unidade, lutam junto dos patrões, do INT e do Sindicato pela manutenção de regalia de um quilo de pão diário a que têm direito desde há 20 anos e como o Contracto Colectivo estipula. Descontos no aumento do pão, o patronato pessoal e dar aos padeiros só 720 gramas. Ora, os operários padeiros não têm direito a 2810 de pão **mas sim, a um quilo.** Por isso, todos os padeiros devem continuar a luta até que seja reposta integralmente a sua velha regalia.

São os operários e operárias da **fábrica de Papel e Cartão de OTA L.da de ALENQUER** que, ganhando salários de fome **(7$00 e 8$00!!!)**, elegeram uma Comissão de Unidade e pelo direito de exigir que a direcção do seu Sindicato tomasse medidas para os salários serem aumentados. Como esta nada fizesse, porque está ao serviço de patronato, os operários fizeram uma concentração e exigiram que o delegado do INT exigisse aumento de salários. Perante a disposição firme dos operários, o patrão concedeu um aumento de 10%. Sim dúvida nenhuma que isto representa uma miséria mas, não obstante isso, os operários **vencem a fome** e a miséria de fome. Por isso, **a luta deve continuar até que sejam alcançados salários competivels com o custo de vida.**

São os empreendeiros **das Companhias de Tecidos do Porto** que, por intermédio da sua Comissão Geral de Unidade entregaram a exposição ao delegado do INT exigindo que seja despachado rápidamente o relatório da Comissão Técnica de modo a que o contracto seja assinado. Como é sem costumado o delegado não tem atemorizar a Comissão com o velho estribilho de que andava a mando dos comunistas. A Comissão não se assustou, insistindo nas suas reclamações, dizendo-lhe um elemento: «venho aqui na qualidade de pai de 5 filhos e de devedor de 8.000$00 e não a mando dos comunistas». Perante esta atitude firme, o delegado foi obrigado a prometer que ia fazer tudo para que o despacho seja publicado o mais de pressa possível.

São os operários da **Fábrica de Descasque de Arroz «A Ribatejana» de ALHANDRA** que por meio de uma exposição onde faziam resaltar o aumento contínuo do custo de vida, exigiam aumento de salários. Pediram também, uma semana de férias com todos os vencimentos. Esta segunda reivindicação foi satisfeita, IMPONDO-SE QUE TODOS OS TRABALHADORES CONTINUEM A LUTAR UNIDOS PARA QUE OS SEUS SALÁRIOS SEJAM AUMENTADOS.

São os operários **da Sociedade de Construções Industriais de Ferro e de Aço da Póvoa de Santa Iria** que, não recebiam o seguro e Família chamava o patrão lhes tenha descontado sempre para a Caixa, foram junto da direcção da Caixa exigir o seu pagamento. Depois de vários demarches, CONCLUIU-SE QUE O PATRÃO E GERENTE, ENGENHEIRO ALEMÃO CHEGEL, NÃO ENTREGAVA OS FUNDOS QUE DESCONTAVA. Os operários não ficaram satisfeitos com essa resposta, continuaram firmemente na luta pelo abono. Como resultado disso, A SOCIEDADE FOI MULTADA E OBRIGADA A REPÔR OS FUNDOS DESCONTADOS E OS OPERÁRIOS COMEÇARAM A RECEBER OS ABONOS.

São os operários e os operários da **Fábrica Textil do Sul, de ALHANDRA** que lutam na massa por aumento de salários e pelo direito à semana de férias que os patrões lhes querem roubar, pretextando que com 24 faltas os operários lhe perdem o direito quando as faltas permitidas podem atingir 36. Com a sua Comissão de Unidade à frente, que goza do apoio de todos os operários da fábrica, a luta continua junto dos patrões, do Sindicato e do INT.

São, enfim, os operários canteiros de **PERO PINHEIRO,** que se levantam contra o roubo dos patrões nos descontos que lhes fazem para a Caixa do Abono de Família e que não entregavam totalmente à Caixa. O processo usado consistia em nas folhas de férias entregadas ao Sindicato reduzirem o mínimo as horas de trabalho do pessoal. Por esta razão os operários não recebiam o abono a que tinham direito. PELA SUA LUTA O SINDICATO FOI OBRIGADO A PASSAR A FORNECER AOS CANTEIROS SÓCIOS DO MESMO UM MAPA DE TRABALHO A FIM DE ESTES DESCRIMINAREM AS HORAS DE TRABALHO REALIZADAS.

TRABALHADORES E TRABALHADORAS! Ante o aumento constante do custo de vida e os ataques do governo e do patronato às vossas magras regalias e direitos e às tentativas para baixarem os vossos já magros salários, só um caminho tendes a seguir para obstar a uma maior miséria para vós e para as vossas famílias: **o caminho da luta e da Unidade de todos pela defesa das vossas regalias e conquista de outras e por aumento de salários ao nível do custo de vida!**

Reunam e elejam por toda a parte as vossas Comissões de Unidade para dirigirem e coordenarem essa luta.

VIDA E A LUTA DO NOSSO POVO

NO ESTRANGEIRO

FRANÇA **La Défense**, órgão do Socorro Popular Francês, no seu n.º da 2.ª semana de Outubro, publicou um longo artigo, intitulado: «Em Portugal, a PIDE (Gestapo de Salazar) prepara uma comédia eleitoral». Fala na apresentação da candidatura do gen. Norton de Matos como «uma vitória das forças democráticas portuguesas.» «Mas seria um erro, continua o artigo, julgar que os métodos fascistas do governo se atenuaram e que estão criadas condições para uma livre consulta eleitoral.» Descreve as condições de terror fascista, fala no Tarrafal, na deportação de António Guerra, na conduta heróica de Francisco Miguel, nas prisões do Algarve. «E com estas criadas condições que o governo fascista de Salazar prepara as «eleições» presidenciais». O artigo é ilustrado com uma fotografia de Alfredo Diniz (Alex).

ESPANHA **Mundo Obrero**, órgão central do P. Comunista de Espanha, na 1.ª Quinzena de Setembro publicou um artigo comemorativo da Revolta dos Marinheiros Portugueses, em 8 de Setembro de 1936.

U.R.S.S. **Krasnaia Zvesda** órgão do Exército Soviético, publicou, em Novembro, um longo artigo sobre os monopólios americanos em África, citando extensamente as concessões feitas por Salazar aos EE UU em Moçambique.

ÁFRICA **THE DEMOCRAT, DO SUL** revista, de Junho, trez um longo artigo, também sobre a situação portuguesa.

O articulista historia os anos de regime salazarista, diz que durante muitos anos se fez silêncio sobre este bonéco do imperialismo britânico, dando a impressão ao mundo de que não se tratava de um regime de opressão, mas que hoje está provado que o regime salazarista é tão sangrento e opressivo como ou outros regimes fascistas. O articulista faz também longas considerações sobre a ajuda de Salazar a Franco e o papel que a Igreja católica representa como apoio para os 2 ditadores. Faz também referência ao estado de atraso e miséria em que vive o nosso povo e ao movimento de oposição, MUD, etc.

MAIS FOME! (FIM)

qualquer no mercado contribuir para o seu encarecimento? Irá, com toda a certeza. Ora a melhor forma de combater a alta dos preços é fazer que os géneros abundem no mercado. E esta abundância, só pode ser conseguida para bem do nosso povo e da Economia Nacional, com o fomento e aumento da produção interna desses produtos. Mas esta não é a via pela qual o salazarismo procura sair na crise. Ele procura sair dela à expensas das classes trabalhadoras, sem ferir os interesses dos grandes agrícolas e dos potentados da finança ligados aos imperialistas anglo-yankees.

O povo português está, portanto, perante esta alternativa: ou se submete a uma ração mais reduzida que o salazarismo lhe vai impôr, ou luta para que uma tal situação se modifique.

Há um ano atrás, num artigo do **Avante!**, dizíamos: «Passaram as sementeiras do outono; tudo devia ser feito para auxiliar a Lavoura, particularmente os pequenos e médios lavradores, os rendeiros e os assalariados sem terra, a fim de que eles pudessem aumentar e intensificar a cultura dos produtos que tanta falta nos têm feito e muito duro nos continuam a custar. Mas não, as medidas até aqui tomadas não passam de paliativos e promessas vãs que nada resolverão.

Estas palavras escritas há um ano atrás, têm hoje a mesma actualidade. Só a luta do povo português o poderá salvar da fome e duma maior miséria.